

Chico Buarque – *Budapeste*
São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Flávio Carneiro

Duas linhas de leitura se cruzam em *Budapeste*, de Chico Buarque, como duas partes do mesmo desenho, ou, para dizer de outra forma, como duas faces da mesma cidade. Como Buda, a oeste do Danúbio, é a outra metade de Peste, na margem leste, também aqui essas duas possibilidades de ler o romance se complementam, embora preserve cada qual sua identidade.

A primeira delas diz respeito ao tema do anonimato. O narrador e protagonista é José Costa, ou Zsoze Kósta, em húngaro, língua que ele adota como sua, movido em parte pelo acaso, em parte pela determinação de tornar-se outro, apagando o que fora antes. Toda a sua trajetória, pelo Rio de Janeiro ou por Budapeste, é marcada por sua profissão de *ghost-writer* e pela absoluta necessidade de ser anônimo.

O curioso no livro é que o anonimato é tratado não como uma maldição, ou pelo menos uma infelicidade, mas como meta a ser buscada a todo custo, mesmo que signifique o abandono da família e do próprio país. Claro, não se trata de um romance-de-tese, e a questão não aparece assim, de forma tão simplista, mas o que quero dizer é que Chico Buarque criou um ótimo personagem a partir de uma inversão inicial, seguida por outras que dela surgem, dialogando com a primeira de tal forma que, ao final, o que sobra é só mesmo um relato multipartido, sugerindo ao leitor dois caminhos, que por sua vez se bifurcam, como o próprio Danúbio em seu formato de ípsilon.

José Costa é antes de tudo um romântico. Romântico porque eternamente apaixonado: por Wanda, sua esposa brasileira, e por Kriska, sua mulher húngara, mas sobretudo por seu ofício de escritor. Romântico, também, porque se move entre um mundo de falcatruas, vaidades e jogos de interesse como se fora um cavaleiro andante, ou um Quixote, alimentado pelo sonho de um dia ver sua obra reconhecida.

Reconhecida, é bom que se diga, de um modo muito peculiar. Costa não pretende sair do anonimato – “não poderia ser eu o autor de um livro que trouxesse meu nome na capa”, ele diz a certa altura, numa frase que bem poderia vir inscrita sob seu imaginário brasão. É com desdém que se refere a “essa nova classe de ghost-writers renomados”, que saem em fotos de revistas, “de braços dados com mulheres altas.”

Seu desejo, tão singelo e inalcançável, é simplesmente ser lido, e admirado, por seus leitores, sobretudo suas duas mulheres, sem que ninguém jamais saiba ser ele o autor daquelas linhas de arrebatamento.

Desnecessário dizer que não se considera um mero repetidor de fórmulas prontas, ao gosto do freguês, mas um autor de peso, um prosador, ensaísta e, na maturidade, também um poeta, que se aventura pelo anonimato por opção, para ver realizado, como ele mesmo diz, um estranho prazer: “ver minhas obras assinadas por estranhos me dava um prazer nervoso, um tipo de ciúme ao contrário. Porque para mim, não era o sujeito quem se apossava da minha escrita, era como se eu escrevesse no caderno dele.”

No turbilhão de inversões, de paradoxos, soa quase natural a existência de encontros anuais de autores... anônimos. Nos encontros, há também os figurões e as figurinhas, a nobreza e a plebe, como em eventos desse tipo, mas a diferença é que, nas reuniões, o que mais interessa é revelar os nomes por trás da capa, em sessões nas quais cada *ghost-writer* deixa por preciosos instantes sua condição de fantasma e sobe ao palco para assumir sua obra, revelando, para delírio da assistência, quais livros famosos escreveu, sob encomenda de tal e qual celebridade das letras.

É num desses encontros anuais que vai parar José Costa, e, mesmo discordando – acha um absurdo aqueles anônimos todos se revelando publicamente –, é dessa confraria que irá fazer parte, para sempre. Quando não vai ao encontro deles, os membros guardam para José um lugar cativo, e esperam até que o filho pródigo volte e siga seu destino.

Num mundo movido pela razão e sustentado por ações práticas, em que vale mais quem aparece mais – na tela da TV, na folha do jornal ou na capa de um livro – alguém que insiste em ser anônimo e vive de criar enredos que só ganham as páginas de sua imaginação vertiginosa não pode escapar à sina de ser um eterno inadaptado. A língua que Zsoze Kósta jamais conseguirá aprender, até porque não quer, é a da publicidade. Como os que o cercam – com exceção, talvez, de Kriska – só falam essa língua, José Costa será sempre um estrangeiro, esteja em que país estiver.

Zsoze Kósta ama a sombra, mas quer que nela vejam seu contorno bem definido. Ser amado, ele parece dizer, é ser lido e compreendido em cada palavra, em cada construção bem sucedida, em todas as nuances de uma escrita errante, que mesmo mudando de corpo a cada novo livro não deixa de ser a mesma, pelo menos para seu autor. Seu tormento, seu maior medo é que não gostem do que ele escreveu, mas também que não o reconheçam na sombra em que decidiu morar.

Irrita-se, por exemplo, quando Kriska lhe diz que *Tercetos Secretos*, longo poema escrito por ele para um poeta húngaro que já fora reverenciado na juventude e agora se via jogado às traças, não era lá grandes coisas. E assim, colocado entre o pretendido anonimato e a conseqüente impossibilidade de defender seus escritos como gostaria – para tanto seria preciso assumir a autoria do que escreve –, o eterno expatriado vai sendo levado de roldão pelos acontecimentos, que o transportam do Brasil à Hungria e de lá para cá, e de novo para lá, feito um marionete do acaso.

Uma segunda possibilidade de leitura pode ser centrada na idéia de ficção como artifício. A começar pela cor da capa do livro de Chico Buarque – mostarda, a mesma de uma biografia escrita por Kósta para um cliente alemão e intitulada *O Ginógrafo* – e pela contracapa, que sugere algum mistério, só formulado de forma precisa ao final do romance, embora permaneça não decifrado.¹ Por esse insinuante “cartão de visita”, o leitor percebe, antes mesmo de abrir o livro, que o romance lhe propõe um jogo qualquer, cujas regras ele ainda não conhece.

¹ Como escreveu Caetano Veloso: “Budapeste é um labirinto de espelhos que afinal se resolve, não na trama, mas nas palavras, como os poemas.” Ver: “Budapeste é aqui. *Jornal do Brasil* – Segundo Caderno. Rio de Janeiro, 14/09/2003, primeira página.

Aos poucos, à medida que avança na leitura, o leitor entende que tem em mãos um artefato gerador de duplicidades. O narrador é anônimo, mas na verdade tem dois nomes. Mais que isso, tem duas pátrias, duas línguas, duas casas, duas mulheres, dois filhos (um no Rio, outro, um enteado, em Budapeste). Quando está na Hungria, sente saudades de Wanda. Quando está no Brasil, quer voltar para os braços brancos de Kriska.

Só uma coisa continua a mesma, num e noutro país: o prazer, ou a pulsão (como uma necessidade íntima, arrebatadora), de escrever. Mas justamente aí reside a maior duplicidade: escrever sob o nome de outro, se fingir de outro, ter a sensação de ser não propriamente uma pessoa, mas o “mapa de uma pessoa”, segundo ele mesmo afirma.

Beatriz Resende, ao comentar o livro, afirma que “Budapeste é a história de um homem que vive das palavras, movido pelas palavras, perseguido pelas palavras e que pelas palavras se desdobra nele mesmo e em seu duplo”²:

A duplicidade encarnada pelo narrador se multiplica em várias outras, espalhadas pelo romance, e faz de *Budapeste* uma narrativa dupla também no sentido de ter ela mesma, para além da figura de José Costa, duas faces. De um lado, pode ser tomada como uma história linear, com começo, meio e fim, sem os volteios tanto de *Estorvo* quanto de *Benjamin*, que à primeira vista parecem de configuração mais complexa que *Budapeste*. De outro, trata-se de romance talhado nas firulas, nas fintas que dá no leitor e mais parecem um lance genial de Puskas, ou Puskás, o craque e dono do meio-de-campo da antológica seleção de futebol da Hungria na copa de 1954.

Craque que se transforma no dissimulado Puskás Sándor, escrivão do Clube das Belas-Letras de Budapeste, para cujos membros, ou pelo menos alguns, Kósta também irá prestar seus valerosos serviços. O próprio fato, aliás, de tomar emprestado os nomes dos jogadores da seleção húngara

² RESENDE, Beatriz. “Movido pelas palavras”. *Jornal do Brasil* – Caderno B. Rio de Janeiro, 14/09/2003, pp. 1 e 5. Quando do lançamento do livro, outros críticos teceram comentários sobre a figura do duplo no romance. Entre eles, destaco a resenha de Luiz Alfredo Garcia-Roza (“Não existe duplo para a realidade”. *O Globo* – Segundo Caderno, 14/09/2003, p. 2) e a de José Miguel Wisnik (“O autor do livro (não) sou eu”. Encarte especial do catálogo da editora Companhia das Letras, São Paulo, 2003.)

para nomear personagens (e também uma rua, uma avenida e um hotel da cidade) já aponta para a opção do autor de compor seu romance na clave da farsa, do artifício, dando o pontapé inicial da partida que tem de um lado o texto e de outro o leitor.

É o autor que monta o jogo no qual, aos quarenta e quatro minutos do segundo tempo, entra em campo um tal Sr..., personagem, ele sim, absolutamente anônimo – pois se nem nome tem, sendo designado apenas por um *pronome* de tratamento –, responsável pela jogada que irá definir o placar. Jogo, também, que transforma Chico Buarque, não o cidadão mas o escritor, no próprio Zsoze Kósta, ou em uma de suas máscaras.

Chico e Zsoze são, como Buda e Peste, duas margens do mesmo rio, a correr fluente pelas páginas do romance, de cuja autoria não duvidamos, é certo, embora não seja de todo impertinente terminar a resenha com um “quem sabe...”.